

O conceito de *amae* e suas implicações psicanalíticas¹

Takeo Doi, Tóquio

Resumo: Este trabalho introduz o conceito japonês de *amae*, devido a sua utilidade em psicanálise. *Amae* descreve a conduta e o afeto concomitante na criança que busca sua mãe ou a pessoa adulta que dela cuida, mas também pode se referir a situações similares entre adultos. Em sua forma mais primitiva, *amae* corresponde ao conceito de amor primário ou amor objetal passivo definido por Michael Balint. Também pode ser relacionado ao conceito de apego elaborado por John Bowlby, e outros conceitos como narcisismo, identificação, ambivalência etc. O caso Dora é citado para ilustrar a aplicação clínica de *amae*, sobretudo com respeito à noção freudiana de amor homossexual. O repúdio à feminilidade, outro conceito freudiano, também é examinado com esta perspectiva. É opinião deste autor que o conceito de *amae* complementa as teorias psicanalíticas existentes ao unificar muitos conceitos distintos que comumente não se consideram interrelacionados.

Palavras-chave: amor primário; *amae*; transferência; psiquismo japonês.

Vocês podem estar se perguntando por que me interessa apresentar um conceito derivado de uma palavra do cotidiano japonês, *amae*. Há duas razões. Primeiro, o conceito de *amae* mostra-se importante como organizador da vida emocional do povo japonês. Segundo, em que pese sua origem japonesa, esclarece e unifica muitos conceitos psicanalíticos que são, habitualmente, considerados separadamente.

Deparei-me, por assim dizer, com o conceito de *amae* enquanto tratava pacientes japoneses psicanaliticamente, pois me impressionou o fato de que sua relação com o terapeuta é matizada pelo mesmo tom emocional que impregna todas as relações interpessoais no Japão, qualidade que pode ser melhor descrita pela palavra *amae*.

Trata-se de um substantivo que deriva de *amaeru*, verbo intransitivo que significa “depender ou presumir o amor do outro ou desfrutar da indulgência do outro”. Tem a mesma raiz que a palavra *amai*, adjetivo que significa “doce”. Assim, *amae* pode sugerir algo doce e desejável. Há também um rico vocabulário em japonês centrado no tema *amae* que expressa diversas fases de sua psicologia correspondente, o que corrobora uma vez mais a importância de *amae* na vida emocional dos japoneses. Neste sentido, bem que se poderia dizer que o conceito de *amae* ilustra as características do povo japonês. Ao mesmo tempo, creio que tal conceito tem aplicação universal, à medida que a transferência do paciente pode ser interpretada em termos de *amae*. Em outras palavras, o conceito de *amae* pode prestar-se a uma formulação psicanalítica e, pode, inclusive, complementar as teorias psicanalíticas

1 Artigo publicado em 1989 na *International Rev. Psycho-Analysis*. 16, 349.

existentes. Assim, tenho feito amplo uso desse conceito em meus trabalhos, tanto em japonês como em inglês, alguns dos quais talvez já tenham lido. Mas, até agora, não havia apresentado minhas ideias numa reunião oficial da Associação Psicanalítica Internacional e estou muito feliz de ter a oportunidade de ler um trabalho neste congresso.

Neste trabalho tentarei esclarecer, especificamente, as implicações psicanalíticas do conceito de *amae*, mas antes de fazê-lo, devo descrever seu uso de forma a familiarizá-los com a psicologia que ele implica. Talvez o mais importante aqui seja sua relação com a psicologia da infância, porque dizemos que uma criança pequena está *amaeru-ando* apenas quando começa a tomar consciência de seu entorno e buscar a mãe. Notem, por favor, que neste caso *amae* descreve certas formas de conduta da criança que se referem diretamente aos sentimentos que essa conduta revela. *Amae* pode ser empregado não só para uma criança em relação a mãe ou pessoa que cuida dela, mas também quando se experimentam sentimentos similares em qualquer outra relação interpessoal, por exemplo, entre amantes, amigos, cônjuges, professor e aluno, patrão e empregado. Percebam, também, que quem faz *amaeru* a um outro dele depende psicologicamente, posto que dele necessita para sua plena realização. Entretanto, isso não implica que quem faz *amaeru* seja necessariamente inferior ou tenha um *status* socialmente inferior ao outro. De fato, com frequência pode ocorrer que quem faz *amaeru* encontre-se em uma posição social mais alta, como acontece com o progenitor que depende psicologicamente do filho, ou o patrão do empregado. Contudo, quem se encontra em posição social mais alta normalmente não percebe seu próprio *amae*, no que diz respeito ao subordinado, nem deseja admiti-lo abertamente.

Outro aspecto importante do conceito de *amae* é que, embora indique primeiramente um estado de ânimo prazeroso quando a necessidade de amor se vê satisfeita pelo amor do outro, também pode referir-se a essa mesma necessidade de amor porque nem sempre se pode contar com o amor do outro, por mais que o deseje. Disso se segue que o estado de frustração em *amae*, cujas diversas fases pode-se descrever mediante uma série de palavras japonesas, também pode ser nomeado por *amae*, de fato, comumente recebe esse nome, posto que evidentemente *amae* se experimenta com maior intensidade como frustração do que como uma realização. Devido a este uso da palavra, podemos falar de dois tipos de *amae*, um originário, no qual o indivíduo está seguro de que conta com um receptor bem disposto para atendê-lo e outro, conturbado, que não está seguro de que exista tal receptor. O primeiro tipo é infantil, inocente e tranquilo, enquanto que o segundo é imaturo, caprichoso e mais exigente. Para dizê-lo em termos mais simples, poderíamos falar em um bom e um mau *amae*. Essa distinção resulta significativa do ponto de vista psicanalítico e voltarei a ela, mais adiante.

Pelo dito até agora, poderíamos argumentar que *amae* é uma espécie de amor. Isto é, sem dúvida, correto. Entretanto, o que distingue *amae* dos significados correntes de amor é que pressupõe uma posição passiva na dupla, pois sempre implica uma dependência do receptor para sua realização, embora seja possível buscar ativamente essa posição passiva. Isso não acontece com o amor, pois se supõe que, nesse, cada qual ama por si mesmo, embora também necessite de um receptor disposto para obter algum prazer do ato de amar. A diferença entre amor e *amae* observa-se, sobretudo, pela forma na qual os dois termos são utilizados. É fácil dizer “te amo” para expressar nossos sentimentos a alguém que amamos. Na verdade, a expressão frequentemente se destina a fazer vibrar no outro a corda que o levará a responder da mesma maneira. De fato, entendo que nos países ocidentais existe uma crença de que o amor deva se expressar em forma verbal e ativa, quando é genuíno. Mas, no caso de *amae* é impossível dizer “eu *te amaeru*” a menos que você se encontre em um estado de ânimo reflexivo que o permita reconhecer seu *amae* com respeito ao outro. O importante é que o sentimento genuíno de *amae* só deve ser expressado e apreciado em forma não verbal. No caso em que o desejo de *amaeru* seja verbalizado literalmente, soa terrivelmente afetado e grosseiramente adulator. Em outras palavras, a verbalização atenta contra o desejo de *amaeru* e faz com que sua verdadeira satisfação resulte virtualmente impossível.

O dito, até aqui, refere-se ao uso de *amae* em japonês e na sua psicologia. Mas o que resulta mais interessante é que o conceito de *amae* sugere um espectro contínuo que vai desde a infância até a vida adulta. Em outras palavras, concorda com a teoria das relações objetais e a torna mais acessível à introspecção precisamente porque *amae* e seu vocabulário referem-se à experiência interna. Por exemplo, o amor objetal passivo ou o amor primário como o define Michael Balint pode coincidir com *amae* em sua forma pura e, em tal medida, o conceito de Balint se converte em algo tangível. De fato, Balint lamenta que o termo “amor” seja inadequado para captar sua essência e assinala: “Todos os idiomas europeus são tão pobres que não podem diferenciar as duas classes de amor objetal, a ativa e a passiva” (1965, p. 56). Portanto, é notável que a linguagem japonesa inclua a palavra *amae*, que permite que a origem infantil do amor seja acessível à consciência. A propósito, comecei a me corresponder com Balint em 1962, e esse confirmou, após ler alguns de meus trabalhos, que nossas ideias apontavam na mesma direção. Também tive a sorte de tratar o tema pessoalmente com ele, quando viajei a Londres em 1964. E me senti muito feliz e honrado quando, mais tarde, citou minha obra em seu último livro, *A falta básica*.

Na sequência, gostaria de dizer algumas palavras sobre o conceito de apego² que foi introduzido por John Bowlby na psicanálise, a partir da etologia, já que esse

2 N.T.: No original, *attachment*.

conceito obviamente abrange a mesma área que *amae*. Como é sabido, Bowlby distingue claramente o apego da dependência, afirmando que uma criança não se torna apegada a sua mãe por que precisa depender dela. Assim, ele prefere o termo apego, ao invés de dependência, porque pode ser mais preciso que o último para descrever o comportamento. Ele também menciona as implicações negativas do termo dependência como outra razão para evitá-lo. Ainda assim, parece-me que ele ignora o fato de que o *apego* envolve a dependência por si mesmo, já que uma pessoa necessariamente se torna dependente do objeto, à medida que a ele se apegar. Neste particular, *amae* tem, definitivamente, vantagem sobre *apego*, justamente porque implica uma dependência psicológica no sentido mencionado acima e, diferentemente de apego, refere-se aos sentimentos experienciados e não ao comportamento. De todo modo, pode-se dizer, por mais paradoxal que pareça, que o conceito de *amae* torna possível discutir o que não é verbalizado na comunicação ordinária e, em consequência, permanece totalmente despercebido se você estiver falando línguas europeias.

Gostaria agora de explicar de que modo é possível relacionar o conceito de *amae* a narcisismo, identificação e ambivalência. *Amae* é relação objetal desde o começo, pelo que nem sempre coincide com o conceito de narcisismo primário. Contudo, ajusta-se bem a narcisismo secundário, de fato, é particularmente adequado para descrever qualquer estado mental que possamos chamar de narcisista. Ou seja, das duas classes de *amae*, a primitiva e a conturbada,³ já mencionada, a segunda, a imatura, caprichosa e exigente, é sem dúvida narcisista. Em realidade quando suspeitamos que alguém é narcisista, podemos estar certos de que tem algum problema com relação a *amae*. Na mesma linha, um novo conceito de objeto do *self* definido por Heinz Kohut como “esses objetos arcaicos catetizados com libido narcisista” (1971, p. 3) será muito mais facilmente compreendido à luz da psicologia de *amae*, posto que a libido narcisista” não é outra coisa se não *amae* conturbado. Também a observação de Balint de que “na fase final do tratamento os pacientes começam a expressar os desejos instintivos infantis por longo tempo esquecidos e a exigir sua gratificação por parte do meio” (1965, p. 181) faz muito sentido, uma vez

3 Nota do tradutor: Parece que o autor teve dificuldades em encontrar adjetivos, em inglês, que refletissem apropriadamente as duas qualidades de *amae*. Sobre isso, o próprio Balint (1968) comenta: “queremos mencionar algumas observações clínicas e linguísticas de T. Doi (1962), para que existe, na língua japonesa, uma palavra muito simples do dia a dia, *amaeru*, um verbo intransitivo, que significa ‘desejar ou esperar ser amado’, no sentido do amor primário. *Amae* é o substantivo dele derivado, enquanto que o adjetivo *amai* significa ‘doce’... Ademais, em japonês, existe um rico vocabulário para descrever as diversas atitudes e humores desenvolvidos, quando se frustra ou reprime o desejo de *amaeru*. Todas essas atitudes são conhecidas no mundo ocidental, mas não podem ser expressas com palavras simples, apenas por meio de frases complicadas como ‘mal humorado ou amuado por ter percebido que não lhe é permitido demonstrar seu desejo de *amaeru* tanto como desejava fazê-lo, fomentando nele, assim, uma dor mental, provavelmente de natureza masoquista’...”. (Balint, *A falha básica*, 1968, p. 62)

que o *amae* somente se manifesta quando a análise tiver permitido a elaboração das defesas narcísicas.

Quanto à identificação, não é equivalente a *amae*; ao contrário, assumimos que a identificação se desenvolve quando *amae* não se vê satisfeito. Entretanto, creio que Freud chega ao reconhecimento indireto de *amae* quando afirma que “a identificação é a forma primitiva de ligação com o objeto” (1921, p. 107). Pois me parece que aqui a identificação quase equivale a *amae*, sendo possível dizer que *amae* constitui um movimento para conseguir a fusão com o objeto. Em outro trabalho, Freud menciona o afeto corrente que constitui uma atitude normal no amor em conjunto com a corrente sensual que, como a mais antiga de ambas, “provém dos primeiros anos da infância” (1912, p. 180). Curiosamente, ele não estabeleceu nenhuma relação entre essas duas afirmações sobre a identificação e a corrente afetiva. Talvez não pudesse fazê-lo sem o conceito de *amae*. Agora, torna-se compreensível que *amae* e ambivalência estejam intimamente relacionadas, porque a primeira é vulnerável, já que depende por completo de outra pessoa para sua satisfação. Daí poder transformar-se em seu contrário de um momento para outro. De fato, cabe dizer que *amae* é ambivalente desde o começo, da mesma forma que Freud assinalou com respeito à identificação (1921, p. 105). Neste sentido, não seria descabido nos ocuparmos da identificação projetiva. É sabido que o receptor de tal projeção sente-se molestado e irritado “pela pressão por meio da interação pessoal”, tal como descreve Tomas Ogden (1979, p. 358). Creio que este controle por parte de quem projeta faz sentido quando compreendido como uma forma de *amae* mórbido, ou seja, o doce transformado em amargo. Entretanto, não estou afirmando que a identificação assim interpretada se resolva automaticamente. Eu só diria que a sensibilidade com respeito à *amae* permite detectar com maior facilidade a identificação projetiva.

Agora vou me ocupar do problema da terapia em termos de *amae*. Creio que se justifica supor que qualquer que seja o motivo consciente que induz uma pessoa a iniciar o tratamento psicanalítico, o motivo mais profundo é o *amae* e seus derivados. Não pretendo dizer com isso que o psicanalista deva ocupar-se disso desde o começo, tampouco que seja necessário sair ao seu encontro, ou seja, responder a ele mediante a intenção de satisfazê-lo. O importante é ter presente que existe e colocar-se a seu serviço, de modo que possa se desenvolver plenamente e em seu devido tempo, na relação terapêutica, porque creio que isto é o que se converte no núcleo da transferência. Para ilustrar algumas de minhas afirmações, utilizarei o conhecido caso Dora, “Fragmentos de uma análise de um caso de histeria” (1905). É certamente fragmentário, pois ali a transferência não se desenvolveu plenamente. Ou, se houve alguma indicação disso, Freud falhou em reconhecê-la. Mas foi precisamente nesse estudo de caso que Freud enfatizou a importância da transferência pela primeira vez, mesmo que o tenha feito, por assim dizer, postumamente. Em outras palavras, esse caso permite ilustrar com clareza a importância da transferência e, eu agregaria, a

psicologia de *amae*, apesar de não estar recebendo esse nome. Adiante, retornarei a este ponto. Mas gostaria de, primeiro, fazer uma breve descrição do caso.

Dora, uma jovem inteligente de 18 anos, de espírito independente, começou a se tratar com Freud por decisão de seu pai. Sentia apego pelo pai, mas não se dava bem com a mãe, cujo único entretenimento dizia ser limpar a casa. A família de Dora fez amizade com um casal chamado K, num lugar de veraneio para onde se foram devido a uma enfermidade do pai. Este estabeleceu uma relação involuntariamente estreita com a senhora K, por quem também Dora sentia um grande afeto e cujo lar visitava com frequência para cuidar das crianças. Não obstante, dois anos antes de iniciar seu tratamento, Dora provocou uma grande comoção ao acusar o senhor K de lhe fazer propostas indecorosas. O senhor K negou com veemência a acusação e afirmou que tudo não se passava de um produto da imaginação de Dora, em virtude que haver lido alguns livros incitantes, segundo lhe informara sua esposa, a senhora K. Desde então Dora começou a pedir a seu pai que terminasse a relação com a senhora K, coisa que ele negou-se a fazer, enquanto o estado de Dora piorava. Certo dia, quando encontraram no escritório da filha uma nota na qual anunciava sua decisão de se suicidar, foi levada a Freud para tratamento.

Parece-me óbvio que Dora foi a vítima dos adultos que a rodeavam, fato que Freud não negou. Mas no tratamento centrou sua atenção no papel que Dora mesma havia desempenhado em seu transtorno. Ou seja, tratou de fazê-la compreender que estava secretamente enamorada do senhor K, já que antes havia desfrutado de sua companhia, a tal ponto de ter conscientemente desconsiderado a relação de seu pai com a senhora K. Para conseguir que Dora reconhecesse isto, Freud utilizou de maneira exclusiva a interpretação de sonhos, mas, ao final de três meses de intenso trabalho, Dora anunciou sua imprevista intenção de por fim ao tratamento naquele mesmo dia, coisa que fez. Contudo, voltou semanas depois para solicitar a ajuda de Freud devido a um sintoma de importância secundária. Dora lhe contou que, nesse meio tempo, havia enfrentado o senhor e a senhora K, e os havia obrigado a admitir, respectivamente, que o senhor K mentira a seu pai com respeito a sua conduta com Dora e que a senhora K mantinha relações com seu pai. Evidentemente, havia, dessa maneira, se vingado deles. Freud então compreendeu que sua abrupta interrupção do tratamento constituía uma espécie de vingança deslocada e que voltara ao tratamento devido ao sentimento de culpa provocado por aquele término. Contudo, considerou que nada tinha a lhe oferecer nesse momento e despediu-se dela dizendo-lhe que “a perdoava por tê-lo privado da satisfação de permitir a ela uma cura mais radical para seus problemas.” (1905, p. 122).

Além dos pontos principais que assinalei com respeito à análise que fez Freud, há outro elemento mais importante no caso de Dora. O de seu genuíno apego à senhora K, que Freud descreve da seguinte maneira em uma nota de rodapé, agregada

alguns anos depois de completar o texto: “Quanto mais tempo me separo do término desta análise, mais vou me convencendo de que o erro técnico consistiu na seguinte omissão: falhei em descobrir a tempo e informar à paciente que seu amor homossexual pela senhora K era a mais poderosa corrente inconsciente de sua vida mental” (1905, p. 120). Não é o caso de que Freud não houvesse percebido o profundo afeto de Dora pela senhora K. Ele sem dúvida o percebeu e, inclusive, o mencionou com certo detalhe no texto. O que deixou de lado no começo foi a importância que aquilo teve para Dora, razão pela qual tampouco pode percebê-lo na transferência. Em outras palavras, se seguirmos essa linha de pensamento, Dora deve ter colocado um final ao tratamento com Freud porque sentia que esse não a apreciava como pessoa, tal como havia acontecido com a senhora K. Nesse sentido, deve-se recordar que a senhora K havia abandonado Dora devido a seu amor pelo pai da jovem, informando a seu marido a respeito dos livros incitantes que Dora costumava ler. Assim, se Freud tivesse compreendido o motivo pelo qual ela terminara o tratamento, não haveria recusado o pedido de Dora de retomá-lo. Parece-me que sua recusa foi quase uma vingança por ter sido privado da satisfação de complementar a análise, até chegar a seu término lógico. É como se houvesse atuado o princípio do “olho por olho, dente por dente”. Apenas se houvesse compreendido a profundidade da desilusão de Dora em relação à senhora K, teria podido compreender o quão deprimida estava a jovem e como se sentia fútil, apesar de ter se vingado do senhor e da senhora K. Ademais, não a teria convidado a se vingar dele através do término abrupto do tratamento. Bem antes, teria percebido na desilusão de Dora com a senhora K a evidência de uma ainda mais profunda insatisfação com respeito a sua própria mãe.

Creio que já tenham compreendido que aquilo que me proponho a fazer aqui é mostrar a equivalência entre o que Freud entendia por “amor homossexual” e *amae*. Especificamente, estou sugerindo que a ligação de Dora a Frau K e seu desapontamento que o segue pode ser interpretado em termos de *amae*, embora a relação também possa ter um aspecto que podemos chamar de homossexual. Ainda assim, não penso que tal homossexualidade fosse patogênica no caso de Dora. Foi o *amae* conturbado que se desenvolveu, se o fez, em amor homossexual, naquelas circunstâncias. É interessante notar que Freud expressa uma visão semelhante à minha com respeito a outra jovem que se apaixonou por certa “dama de sociedade”, para o grande desgosto de seu pai. Aqui, Freud afirmou que a “dama da sociedade era uma substituta de sua mãe” (1920, p. 156). Ainda não dispondo de um termo conveniente como *amae* e também levando em conta sua preferência teórica, era inevitável que colocasse maior ênfase sobre o aspecto da homossexualidade. Assim, na nota de rodapé acima ele especula que Dora tivera uma razão para ocultar seu amor “homossexual” por Frau K, acrescentando o seguinte: “Antes de descobrir a importância de uma corrente de sentimentos homossexual nos psiconeuróticos, via-me paralisado

no tratamento de meus casos, ou num estado de completa perplexidade” (1905, p. 120).

Não posso deixar de acrescentar algumas palavras acerca do que Freud assinalou na última parte de “Análise terminável e interminável”, já que também se refere a *amae*. Refiro-me a sua afirmação de que há dois sérios problemas em uma análise: a angústia de castração nos homens e a inveja do pênis na mulher. Ele os sintetiza com a expressão “repúdio à feminilidade” (1937, p. 252). Tal repúdio da feminilidade pode ser interpretado em termos de *amae*, tanto que a natureza da feminilidade aqui implícita se assemelha muito a *amae*, interpretação que, segundo suspeito, pode resultar ser de interesse aos ocidentais. O repúdio da feminilidade implica, em termos concretos, o rechaço de *amae*. Disso se segue que existe uma forte resistência a aceitar *amae* se, como proposto acima, *amae* constitui o motivo inconsciente para se iniciar um tratamento psicanalítico. Mas esta resistência tomaria formas distintas em homens e mulheres. Para os homens, *amae* pode ser perigoso, pois implica submissão a outros; para as mulheres, *amae* não é suficiente, pois frequentemente sentem que algo lhes falta. Não sei como esta proposta soa aos ouvidos de psicanalistas ocidentais. Será que lhes parece absurda, como as ideias originais de Freud o foram para seus contemporâneos? Mas somos todos igualmente humanos, não? Portanto se algo faz sentido para um japonês, também deve fazê-lo para os ocidentais. Poder-se-ia objetar que exagerei no caráter universal do conceito de *amae*, que me servi demasiadamente deste. Sem dúvida, relacionei *amae* a muitos conceitos psicanalíticos que podem ser tratados separadamente, mas sem pretender que fossem equivalentes. O que argumento é que se o conceito de *amae* pode ser relacionado de uma forma significativa a outros conceitos psicanalíticos normalmente não relacionados entre si, o fato somente pode sugerir que ele os pode unificar em uma teoria mais satisfatória. Ficarei muito contente se este trabalho contribuir para isto.

El concepto de *amae* y sus implicaciones psicoanalíticas

Este artículo introduce el concepto japonés de *amae* por su especial significado para el psicoanálisis. *Amae* describe principalmente la conducta, y el afecto a esta ligado, de un niño en busca de madre, o de otra persona que lo ame; pero también se puede aplicar a situaciones similares que ocurran entre adultos. *Amae* en su forma más primitiva equivale al concepto de amor primario definido por Michael Balint. Igualmente puede relacionarse con el concepto de apego elaborado por John Bowlby, y con otros conceptos como narcisismo, identificación, ambivalencia, etc. El autor cita el caso de Dora, de Freud, para ilustrar la aplicación clínica de *amae*, prestando especial atención a su noción de amor homosexual. Considera también bajo esta luz la repudiación de la feminidad, otra noción freudiana. En opinión del autor el concepto de *amae* complementa las teorías psicoanalíticas existentes, al unificar muchos conceptos que normalmente no se relacionan entre sí.

Palabras clave: amor primario; *amae*; transferencia; psyche japonés.

The concept of *amae* and its psychoanalytic implications

This paper introduces *amae*, a Japanese concept, because of its special bearing on psychoanalysis. *Amae* primarily describes the behavior and its accompanying affect of a child seeking his mother or any caring person, but it may refer to the similar situations that occur between adults. *Amae* in its most primitive form is equal to the concept of primary love defined by Michel Balint. It also can be related to the concept of attachment elaborated by John Bowlby and other concepts like narcissism, identification, ambivalence, etc. Freud's case of Dora is cited to illustrate the clinical application of *amae* with a special attention to his notion of homosexual love. The repudiation of femininity, another Freudian notion, is also considered in this regard. It is the author's opinion that the concept of *amae* complements the existing theories of psychoanalysis by unifying many concepts usually not related to one another.

Keywords: primary love; *amae*; transference; japanese psychism.

Referências

- Balint, M. (1965). *Primary Love and Psycho-Analytic Technique*. New York: Liveright Publishing Corporation.
- Balint, M. (1968). *The Basic Fault*. London: Tavistock.
- Bowlby, J. (1971). *Attachment and Loss* (Vol. 1). London: Pelican Books.
- Doi, T. (1962). *Amae*: a key concept for understanding Japanese personality structure. In R.J. Smith & R.K. Beardsley (Eds.), *Japanese Culture*. Chicago: Aldine Publishing.
- Doi, T. (1963). Some thoughts on helplessness and the desire to be loved. *Psychiatry*, 26, 266-272.
- Doi, T. (1973). *The Anatomy of Dependence*. Tokyo: Kodansha Internacional.
- Freud, S. (1905). Fragment of an analysis of a case of hysteria. In S. Freud, *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. 7). London: Hogarth Press.
- Freud, S. (1912). On the universal tendency to debasement in the sphere of Love. In S. Freud, *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. 11). London: Hogarth Press.
- Freud, S. (1920). The psychogenesis of a case of homosexuality in a woman. In S. Freud, *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. 18). London: Hogarth Press.
- Freud, S. (1921). Group psychology and the analysis of the ego. In S. Freud, *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. 18). London: Hogarth Press.
- Freud, S. (1937). Analysis terminable and interminable. In S. Freud, *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. 23). London: Hogarth Press.
- Kohut, H. (1971). *The Analysis of the Self*. New York: Int. Univ. Press.
- Ogden, T. (1979). On projective identification. *Int. J. Psychoanal.*, 60, 357-373.
- Winsdom, J. O. (1987). The concept of *amae*. *Int. Rev. Psychoanal.*, 14, 263-264.

Tradução de Avelino Neto⁴

Revisão de Maria Luiza Gastal⁵

© *International Rev. Psycho-Analysis* cedido para publicação na
ALTER – Revista de Estudos Psicanalíticos

4 Analista didata da Sociedade de Psicanálise de Brasília SPB.

5 Membro do Instituto de Psicanálise da Sociedade de Psicanálise de Brasília SPB.

